

ladas das demais. Essas ilhas foram chamadas de refúgios. “Neste período de isolamento, a tendência é a ocorrência de diferenciação entre as populações e, no período de fusão, poderia ocorrer dessa diferenciação ser tão grande que os indivíduos das diferentes populações não se cruzavam mais (tornando-se espécies diferentes); ou então dessa diferenciação não ter sido suficiente para criar um isolamento reprodutivo e os indivíduos das diferentes populações, ao se inter cruzarem, davam origem a uma nova população com variabilidade muito maior”, explica Sene.

VIDA DUPLA Vanzolini dividia seu tempo entre a pesquisa científica e a música. Sua vida dupla começou já na faculdade quando passou a frequentar as rodas boêmias e a compor seus primeiros sambas. Em 1944, começou a trabalhar no programa de Cacilda Becker, intitulado *Consultório Sentimental*, na Rádio América. Teve suas canções interpretadas por grandes artistas brasileiros, como João Gilberto, Chico Buarque e Maria Bethânia. Sua vida de compositor e cientista foi tema do documentário *Um homem de moral*, de 2009, do cineasta Ricardo Dias. “Vanzolini foi um exemplo curioso de sambista, uma vez que não tocava qualquer instrumento e, como cantor, era sofrível, e mesmo desafinado, em certos momentos”, conta Francisco Inácio Bastos, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz. “Mas ele tinha uma enorme capacidade de transformar observações cotidianas e mesmo temas abstrusos (como no seu famoso samba sobre temas eruditos) em músicas de alta qualidade.

Creio não haver qualquer outro músico no Brasil com as características dele e, até onde sei, nenhum outro zoólogo sambista, em todo o mundo”, diz Bastos.

Apesar de sua paixão pela música, Vanzolini sempre a considerou uma atividade a ser desenvolvida nas horas vagas. No ambiente de trabalho raramente falava em música. Porém, a música teve indiretamente grande influência na formação e crescimento do acervo das coleções e de sua biblioteca. “Era dinheiro extra que entrava de vez em quando. E tudo o que ele chamava de dinheiro de música era aplicado na compra de exemplares zoológicos para as coleções e, principalmente, para adquirir livros”, diz Caramaschi.

Unir música e ciência não foi uma tarefa difícil para o zoólogo. Afinal, ele usava todo seu talento e curiosidade como pesquisador para compor suas canções, do mesmo modo que utilizava sua criatividade e sensibilidade musicais em suas pesquisas científicas. “Minha impressão é de que ambas faziam parte de um contínuo, fruto da sensibilidade e percepção de um cientista com uma imensa capacidade de observação empírica, como todo bom zoólogo, talento que estendeu à vida social e cultural, ou seja, foi um observador atento e inteligente não apenas do mundo natural, como do cotidiano de São Paulo. Vanzolini foi um homem de ação na área de ciência, e isso me parece refletido igualmente na sua música, que é frequentemente narrativa e dinâmica”, conclui Bastos.

Chris Bueno

ARTES

FLÁVIO DE CARVALHO: A REBELDIA COMO LINGUAGEM

Nos dias de hoje, “saiaço” no colégio, com chamada pelas redes sociais, pode ser visto como uma forma inteligente e divertida de protestar contra medidas arbitrárias e ineficientes. Mas ousadia mesmo foi, na década de 1950, um homem de 57 anos sair pelo centro de São Paulo vestido com trajes provocativos bolados por ele: um blusão de mangas curtas e folgadas e saiotê de pregas largas.

Flávio de Carvalho, em sua *Experiência nº 3*, fez isso em 1956, quando circulava pelas ruas paulistas um carro chamado DMK-Vemag e Beatles era apenas uma banda que começava a se formar em Liverpool. Flávio, morto há 40 anos, foi um dos grandes nomes da geração modernista brasileira. E exerceu sua criatividade como arquiteto, engenheiro, cenógrafo, teatrólogo, pintor, desenhista, escritor, filósofo, performer, músico, *flashmobist* (muito antes de isso virar termo da moda). Mas foi acima de tudo um artista à frente do seu tempo.

Ele nasceu em Barra Mansa, no estado do Rio de Janeiro, em 1899. Com um ano de idade mudou-se com a família para a cidade de São Paulo. De família abastada, anos mais tarde foi estudar na Europa.

Primeiro na França, de 1911 a 1914, depois na Inglaterra, onde frequentou a Universidade de Durham. Lá, formou-se em engenharia civil em 1922, e fez seus estudos de belas artes.

De volta a São Paulo, empregou-se como calculista no renomado Escritório Técnico Ramos de Azevedo, responsável por importantes obras como o Teatro Municipal de São Paulo, a Pinacoteca do Estado e o Mercado Municipal de São Paulo. Nessa época, Flávio costumava andar pelos corredores do escritório só de short, o que era inadmissível para os padrões da época. Ante um abaixo-assinado dos inquilinos, exigindo sua imediata saída do prédio, Flávio não apenas se recusou como ainda afirmou: “Não vou sair daqui de jeito nenhum. Vocês só

me tiram daqui a bala... mas vai ser difícil, porque vou instalar uma metralhadora em meu ateliê (...)” E mais, no dia seguinte, publicou um anúncio no *Diário Popular* “Compra-se uma metralhadora. Tratar com Flávio de Carvalho no Instituto de Engenharia”. Flávio de Carvalho foi um grande representante do Movimento Modernista. Seu profundo interesse pelo experimental refletia sua total fuga das regras e formas acadêmicas de tratar a arte, predominantes na primeira metade do século XX. Seu



Em 1956, artista realiza em São Paulo sua *Experiência Nº 3*: passeata no Viaduto do Chá com seu “Traje tropical”

estilo era na verdade uma fusão de estilos. Suas pinturas, cenários, esculturas e performances tinham traços surrealistas, cubistas e do expressionismo alemão. Mas revelavam principalmente um grande apego ao polêmico e à renovação. Tinha como ideal a antropofagia pura, numa releitura de movimentos artísticos europeus, adaptando-os para a sociedade brasileira. Um traço marcante em seus trabalhos, muitas vezes chamados de “experiências”, era a busca por um contato direto com o espectador, o qual ele

Reprodução

observava, buscando entender as reações psicológicas aos seus trabalhos. Ele faleceu em 4 de junho de 1973, em Valinhos, no interior de São Paulo, deixando uma vasta obra, que inclui livros, pinturas, desenhos, cenários, projetos arquitetônicos e ensaios. Suas obras estão espalhadas pela cidade de São Paulo – no Palácio dos Bandeirantes, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, na Associação Paulista de Medicina, no Museu de Arte Moderna, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, no Museu de Arte Brasileira da FAAP, na Pinacoteca Municipal do Centro Cultural São Paulo –, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, na Pinacoteca da Universidade Federal

de Viçosa (MG), na Galleria Nazionale d’Arte Moderna di Roma (Itália), no Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris (França) e no Museum of Modern Art – MoMA – de Nova York (Estados Unidos). Mas, além das obras e acima de tudo, deixou-nos o exemplo de que é possível ser genial e irreverente, trabalhador incansável e crítico mordaz, independentemente da roupa que se use e que pode ser um short, uma saia ou um traje a rigor.

Leonor Assad